

A geografia da covid-19 e a desigualdade social: breve análise dos informes pandêmicos à luz do Índice de Desenvolvimento Humano.

The geography of covid-19 and social inequality: a brief analysis of pandemic reports in the light of the Human Development Index.

Antonio Michel de Jesus de Oliveira Miranda^{1*}, Samuel Pires Melo², Francisco de Paula Santos de Araujo², Francilane Lima de Sousa², Heverson Pereira Miranda³

RESUMO

Este estudo tem por objetivo investigar, diante da pandemia da covid-19, dados coletados em mídia mundial e correlacioná-los ao atual Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, a fim de verificar a relação da desigualdade social com o número de vítimas da pandemia. A partir de uma pesquisa bibliográfica, assumindo uma abordagem quali-quantitativa e corroborados por autores como Villela; Marques (2020), Bernardes; et al (2020), Ribeiro; Milani (2009), Santos (2013), Morais (2019), Andrade; et al (2003), e organizações como a OMS e OPAS e o IBGE, constatamos, que os percentuais de vitimados, no recorte temporal para esta pesquisa, tenderam a se aproximar dos maiores índices de desigualdade.

Palavras-chave: Covid-19; Geografia; Índice de Desenvolvimento Humano; Desigualdade Social.

ABSTRACT

This study aims to investigate, in the face of the covid-19 pandemic, data collected in the world media and correlate them to the current Human Development Index - HDI, in order to verify the relationship between social inequality and the number of victims of the pandemic. From a bibliographical research, assuming a qualitative-quantitative approach and corroborated by authors such as Villela; Marques (2020), Bernardes; et al (2020), Ribeiro; Milani (2009), Santos (2013), Morais (2019), Andrade; et al (2003), and organizations such as the WHO and PAHO and the IBGE, we found that the percentages of victims, in the time frame for this research, tended to approach the highest levels of inequality.

Keywords: Covid-19; Geography; Human development Index; Social inequality.

¹ Universidade Estadual do Piauí. Universidade Católica de Pernambuco.

*E-mail: educadormichel@gmail.com

² Universidade Federal do Piauí.

³ Prefeitura Municipal de Vila Velha.

INTRODUÇÃO

Adentramos o ano de 2020 e o mundo se viu surpreendido quanto sua vulnerabilidade biológica perante a ameaça de uma pandemia. Em todo o globo terrestre as notícias eram de pânico, mortes, dor, medo, fome e incertezas sobre qual caminho deveria ser tomado para que tudo isso viesse de fato a ser atenuado.

É corriqueira nas redes sociais a afirmação de que o coronavírus não escolhe grupos como, por exemplo, classe social, sexo, religião e sequer posição geográfica. No entanto, é mister a proposição de que o grau de desenvolvimento econômico e qualidade de vida oferecidos a certos grupos de uma população, poderiam trazer benesses quanto um melhor enfrentamento à pandemia. Afinal, o modo de vida de uma nação está diretamente relacionado ao governo que a gere, ao funcionamento de políticas públicas à coletividade e hábitos que de forma direta e/ou indireta possam vir a ser aliados em tempos de crise.

Assim, a partir de nossas proposições, emerge uma inquietude quanto a saber: em que medida se observa a relação dos dados mundiais, do início da pandemia da covid-19, com a desigualdade social, quando comparados ao Índice de Desenvolvimento Humano – IDH do relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, divulgados em 2019?

A proposta desta pesquisa se deu pelo objetivo de investigar, diante da instauração da pandemia da covid-19, dados coletados em mídia mundial e correlacioná-los às informações do Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, que vigoravam no início da crise virulenta, a fim de verificar a relação da desigualdade social com o número de vítimas da pandemia.

Propomo-nos, ainda, a conhecer breves conceitos em torno da regionalização mundial, o Relatório do Desenvolvimento Humano ajustado à desigualdade, divulgados em 2019; dados veiculados pelos órgãos competentes dos países com o maior e o menor número de vítimas da covid-19, datados do início da pandemia. E, a partir da correlação destas informações, traçar um esboço que corrobore a relação do desenvolvimento econômico e qualidade de vida, diante dos informes pandêmicos.

ESPECIFICIDADES DA PESQUISA

Por objetivarmos a verificação de dados em mídia mundial, tanto dos indicadores sociais veiculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, quanto pela Organização mundial da Saúde – OMS, em conjunto com a Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS, o tipo de pesquisa que melhor nos levaria a obtenção da resposta de nossa problemática, adquirida a partir do emprego e conhecimento dessas informações, seria a pesquisa bibliográfica. Pois com ela se torna “[...] capaz atender aos objetivos [...] na construção de trabalhos inéditos que objetivem rever, reanalisar, interpretar e criticar outras considerações teóricas ou paradigmas, ou ainda criar novas proposições [...]”. (LOPES, 2006, p. 212).

Assim, esta pesquisa bibliográfica se deu a partir de uma abordagem quali-quantitativa. Vez que com a qualitativa buscamos a compreensão dos fatos e pela quantitativa dispomos a explicá-los. (COSTA; COSTA, 2017). Utilizamos, ainda, o método comparativo, pois, nos “[...] permite analisar o dado concreto, deduzindo do mesmo os elementos constantes, abstratos e gerais. Constitui uma verdadeira “experimentação indireta””. (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 109).

Após esclarecidos nosso tipo de pesquisa, abordagem e método, passaremos a explanação dos demais dados que serão cabíveis a especificidade desta pesquisa, os quais são didaticamente divididos em dois subtópicos: Igualdade x desigualdade: os indicadores sociais e o tratamento dos dados e por último, Geografia da covid-19: elucidando os informes.

IGUALDADE X DESIGUALDADE: OS INDICADORES SOCIAIS E O TRATAMENTO DOS DADOS

Nos debruçamos por sobre as padronizações aceitas mundialmente, que tentam mensurar a igualdade e a desigualdade apenas como polos dicotômicos sintéticos, como se implicitamente surgidos ao acaso e não oriundo do próprio sistema capitalista. Estes são os indicadores que tentam demonstrar a riqueza e a qualidade de vida dos países do globo. Dentre estes indicadores, nos deteremos sobre o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH.

Segundo o PNUD, a fim de uma visão panorâmica do desenvolvimento humano, o IDH é utilizado numa escala que vai de 0 a 1, onde quanto mais próximo da escala 1,

os países passam a ser considerados com desenvolvimento humano muito elevado. E quanto mais distantes, serão países com baixo desenvolvimento humano. (BAPTISTA, 2019).

No entanto, desde sua criação em 1990, o IDH vem sofrendo duras críticas quanto a um real índice de qualidade de vida humana, vez que sua falha se apresentava em não conseguir medir aspectos como o meio-ambiente, a política e a desigualdade de renda. (MARIANO, 2019).

[...] questões sociais tais como pobreza e concentração de renda são fenômenos de alta complexidade e, assim, o intuito de medi-los pode implicar em sérias dificuldades que acabariam por limitar um apontamento mais fiel da realidade por parte dos indicadores, fato que limitaria, em consequência, sua função de orientação de políticas. (OLIVEIRA, 2005, p. 31).

Assim, devido as críticas, o PNUD passou a refletir sobre mudanças metodológicas que dessem ao IDH uma melhor proximidade com a realidade de cada país. Com isso, ao adotar uma flexibilidade, além da tentativa de superar polêmicas, sua base metodológica veio a ser copiada por alguns países, utilizando estatísticas locais, como é o caso do Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios Brasileiros – IDHM. (MARIANO, 2019). A partir de então, o IDH passou a ser percebido como:

[...] um composto que mede a realização média em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: 1) uma vida longa e saudável; 2) conhecimento; 3) um padrão de vida decente. A fim de incluir essas dimensões, o IDH abrange a análise de subcritérios, quais sejam: a expectativa de vida, educação, alfabetização e rendimento, sendo que o nível de pobreza e igualdade também são tidos em conta. (KASTENG apud BAPTISTA, 2019, p. 55).

No entanto, o IDH, como já discutido, embora tenha se dado a flexibilidade, de fato não conseguiria e não pretendia ser um instrumento de medida do desenvolvimento que garantisse uma realidade fiel de cada nação. Assim, a partir do próprio IDH, surgiram cálculos diferenciados, originando outros indicadores sociais, como o Índice de Pobreza Humana - IPH, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM, já mencionado anteriormente, e o Índice de Condições de Vida da População – ICV. (OLIVEIRA, 2005).

Contudo, mesmo aberto a flexibilidades, o IDH segue não abarcando com fidelidade a realidade e sem também conseguir demonstrar as disparidades sociais de cada nação, e mesmo com a tentativa de novos indicadores sociais com tal objetivo, ainda assim, as críticas continuaram, pois, “além de se tornarem pouco transparentes, tais

indicadores podem não traduzir adequadamente as dimensões empíricas de fatos importantes para determinadas políticas”. (OLIVEIRA, 2005, p. 94).

A operação de sintetização da informação social costuma incorrer em crescente distanciamento entre conceito e medida e perda de transparência para seus potenciais usuários. Além de comprometer a transparência e inteligibilidade das medidas sociais, tal operação pode tornar o indicador menos sensível e específico ao esforço de políticas sociais direcionadas. (JANNUZZI apud OLIVEIRA, 2005, p. 94).

Destarte, embora sejamos coniventes às críticas por sobre as limitações e o longínquo reflexo das disparidades sociais por parte dos indicadores de desenvolvimento humano, estes indicadores ainda são os que podem nos tentar mostrar, embora com tamanhas deficiências, pelo menos, uma escala comparativa entre as nações e que de fato é pertinente a esta pesquisa, devido nossos objetivos.

Assim, apresentaremos na tabela 1, utilizando critérios da escolha de informações em consonância com os relatórios pandêmicos que serão pormenorizados mais à frente, o IDH ajustado à desigualdade, tendo por base os índices de 2018, divulgados em 2019 (PNUD, 2019, p. 294-297):

Tabela 1 - IDH ajustado à desigualdade

Países	Classificação (2018) + IDH	Coefficiente de Desigualdade	Esperança de Vida Ajustado à Desigualdade	Educação Ajustado à Desigualdade	Rendimento Ajustado à Desigualdade
Noruega	1º – IDH Muito Elevado - 0,954	6,7	0,929	0,879	0,860
Estados Unidos	15º – IDH Muito Elevado - 0,920	12,8	0,848	0,849	0,702
Federação Russa	49º - IDH Muito Elevado - 0,824	9,6	0,749	0,807	0,679
Uruguai	57º - IDH Muito Elevado - 0,808	12,7	0,819	0,684	0,621
Irã	65º - IDH Elevado - 0,797	11,3	0,789	0,706	0,631
Panamá	67º - IDH Elevado - 0,795	20,3	0,790	0,610	0,510
México	76º - IDH Elevado - 0,767	21,8	0,757	0,558	0,498
Brasil	79º – IDH Elevado - 0,761	23,8	0,763	0,525	0,473

China	85° – IDH Elevado – 0,758	15,7	0,803	0,573	0,558
República Dominicana	89° - IDH Elevado - 0,745	21,4	0,688	0,532	0,545
Belize	103° - IDH Elevado -0,720	21,6	0,745	0,582	0,400
África do Sul	113° – IDH Elevado - 0,705	31,4	0,545	0,596	0,305
Índia	129° – IDH Médio - 0,647	25,7	0,610	0,342	0,518
Timor-Leste	131° - IDH Médio - 0,626	26,7	0,593	0,273	0,564
Síria	154° - IDH Baixo - 0,549	Não disponível	0,693	Não disponível	Não disponível
Papua-Nova Guiné	155° - IDH Baixo - 0,543	Não disponível	0,517	0,382	Não disponível
Lesoto	164° - IDH Baixo - 0,518	32,0	0,347	0,398	0,310
Etiópia	173° – IDH Baixo - 0,470	27,3	0,534	0,189	0,377
Moçambique	180° – IDH Baixo - 0,446	30,7	0,434	0,257	0,265
Níger	189° – IDH Baixo - 0,377	27,4	0,447	0,161	0,279

Fonte: PNUD (2019, p. 294-297).

Na tabela 1, verificamos a classificação geral que vai desde a Noruega - assumindo o 1º lugar com “IDH Muito Elevado”, passando por alguns outros países, dos quais destacamos o Brasil, em 79º lugar, com o “IDH Elevado”, até o Níger, em 189º lugar, assumindo a última colocação na tabela, com “IDH Baixo”.

Nas demais colunas, captamos informações como o coeficiente de desigualdade, índice de esperança de vida ajustado à desigualdade, índice de educação ajustado à desigualdade e o índice de rendimento ajustado à desigualdade, que para melhor entendê-los, demonstraremos na tabela 2, a metodologia e cálculos utilizados para obtenção de cada índice. As informações também foram geradas a partir do Relatório do Desenvolvimento, do ano de 2019. (PNUD, 2019, p. 305):

Tabela 2 - Cálculos e metodologia dos índices

Classificação (2018) + IDH	[...]mede as realizações médias em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: uma vida longa e saudável, o conhecimento e um padrão de vida digno. [...]
Coeficiente de Desigualdade	Desigualdade média nas três dimensões básicas do desenvolvimento humano. O resultado é uma média não

	ponderada. Se o valor for negativo, reduz a classificação de IDH.
Esperança de Vida Ajustado à Desigualdade	Valor do índice de esperança de vida do IDH ajustado à desigualdade na distribuição do tempo de vida esperado, com base nos dados das tabelas de vida listadas nas fontes de dados principais.
Educação Ajustado à Desigualdade	Valor do índice de educação do IDH ajustado à desigualdade na distribuição dos anos de escolaridade, com base nos dados dos inquéritos às famílias listados nas fontes de dados principais.
Rendimento Ajustado à Desigualdade	Valor do índice de rendimento do IDH ajustado à desigualdade na distribuição do rendimento, com base nos dados dos inquéritos às famílias listados nas fontes de dados principais.

Fonte: PNUD (2019, p. 305).

Após as apresentações dos indicadores sociais e do tratamento destes dados, que, embora com deficiências, tentamos demonstrar a desigualdade entre as nações, verificaremos agora, no próximo subtópico, os dados da geografia da Covid-19.

GEOGRAFIA DA COVID-19: ELUCIDANDO OS INFORMES

Aqui nos remetemos à conjuntura geográfica da pandemia, declarada pela Organização mundial da Saúde – OMS, em conjunto com a Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS. Embora não tenhamos alcançado a esterilização mundial, e os dados se atualizem diariamente, ainda assim, as informações até o presente momento desta pesquisa, nos serão de extrema valia na busca em responder nossa problemática, quanto a relação do desenvolvimento humano no enfrentamento da crise virulenta.

Destarte, passaremos agora aos dados gerados a partir de informações obtidas pela OPAS, datando de 16 de junho de 2020 (OPAS, 2020), pela OMS, de 17 de junho de 2020 (OMS, 2020), e a fim de obter a porcentagem do número de óbitos por população, utilizamos também dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o qual pormenoriza informações de todos os Países (IBGE, 2019):

Tabela 3 - Geografia da Covid-19

Sub-região	País	Transmiss ão	Casos	Morte s	Óbitos/popula ção (%)	Recuperad os
América do Norte	EUA	Comunitári a	2.116.6 47	116.47 6	0,035%	576, 082 (OPAS)

	México	Comunitária	153.691	18.019	0,014%	113,00 (OPAS)
América Central	Panamá	Comunitária	22.158	459	0,010%	13,766 (OPAS)
	Belize	Esporádica	21	2	0,00051%	16 (OPAS)
América do Sul	Brasil	Comunitária	908.918	44.586	0,021%	412,252 (OPAS)
	Uruguai	Aglomerada	848	23	0,0007%	792 (OPAS)
Ilhas do Caribe e Atlântico	República Dominicana	Comunitária	23.686	615	0,0057%	14,133 (OPAS)
	São Cristóvão e Neves	Sem notificação	15	0	0%	15 (OPAS)
África	África do Sul	Comunitária	76.334	1.625	0,0028%	Não informado
	Lesoto	Esporádica	4	0	0%	Não informado
Mediterrâneo Oriental	Irã	Comunitária	195.002	9.180	0,011%	Não informado
	Síria	Comunitária	177	6	0,00004%	Não informado
Europa	F. Russa	Aglomerada	561.144	7.672	0,0052%	Não informado
	Vaticano	Esporádica	12	0	0%	Não informado
Sudeste da Ásia	Índia	Aglomerada	365.039	13.906	0,0010%	Não informado
	Timor-Leste	Aglomerada	24	0	0%	Não informado
Pacífico Ocidental	China	Aglomerada	84.911	4.645	0,0003%	Não informado

	Papua-Nova Guiné	Esporádica	8	0	0%	Não informado
--	------------------	------------	---	---	----	---------------

Fonte: OPAS; OMS; IBGE (2020).

A tabela 3 tenta mostrar o que denominamos por “a geografia da Covid-19”. Observemos que nesta tabela, a fim de afunilarmos nossa amostragem, elegemos dois países por cada sub-região. O critério de escolha se deu quanto o país de maior e o de menor número de óbitos, até a data dos informes colhidos para esta pesquisa: 16 e 17 de junho de 2020. E como aludido anteriormente, a partir das informações obtidas pela IBGE – Países (IBGE, 2019), calculamos o percentual de mortalidade pelo número de habitantes de cada nação.

Na mesma tabela, a coluna que representa os recuperados, quando houver esta informação, foi captada a partir do relatório diário da OPAS, que detalhou apenas as áreas pertencentes ao Continente Americano. Ao tempo que quando se lê: “não informado”, deve-se a ausência da informação diária que é atualizada pela OMS, ao abranger toda a área global.

A partir destes dados geográficos da pandemia, detalhados na tabela 3, apresentaremos agora uma próxima tabela, a qual é organizada não mais por sub-região, mas sim pelo critério decrescente de porcentagem dos óbitos por Covid-19 e suas posições no IDH ajustado à desigualdade:

Tabela 4 - Ranque percentual do número de óbitos por população

Posição	Países	Classificação (2018) + IDH	Óbitos por população (%)
1°	EUA	15° – Muito Elevado	0,035%
2°	Brasil	79° – Elevado	0,021%
3°	México	76° - Elevado	0,014%
4°	Irã	65° - Elevado	0,011%
5°	Panamá	67° - Elevado	0,010%
6°	República Dominicana	89° - Elevado	0,0057%

7°	Federação Russa	49° - Muito Elevado	0,0052%
8°	África do Sul	113° – Elevado	0,0028%
9°	Índia	129° – Médio	0,0010%
10°	Uruguai	57° - Muito Elevado	0,0007%
11°	Belize	103° - Elevado	0,00051%
12°	China	85° – Elevado	0,0003%
13°	Síria	154° - Baixo	0,00004%
14°	São Cristóvão e Neves	Não consta	0%
	Lesoto	164° - Baixo	
	Vaticano	Não consta	
	Timor-Leste	131° - Médio	
	Papua-Nova Guiné	155° - Baixo	

Fonte: Autores.

Assim, após apresentarmos nosso tipo de pesquisa, abordagem, método e o tratamento dos dados gerados a partir dos indicadores sociais (PNUD, 2019), do quantitativo de habitantes por países (IBGE, 2019) e dos informes da pandemia da Covid-19 (OPAS, 2020) e (OMS, 2020), passaremos às nossas discussões literárias, as quais refletiremos os arquétipos espaciais e as relações de poder e suas correlações com os dados colhidos na busca da resposta de nossa problemática.

ARQUÉTIPOS ESPACIAIS E AS RELAÇÕES DE PODER

Para uma melhor compreensão sobre a atual conjuntura socioeconômica que designa a divisão mundial em países do tipo Norte e do tipo Sul, se faz necessário recobramos, com brevidade, a história da geopolítica e os termos que já designaram esta divisão até os dias atuais. Afinal, pensar em relações geopolíticas é pensar em poder, mas também, em geografia, em território, em fronteiras, em posição espacial, em mapas. [...] nada considerado essencial hoje se faz no mundo que não seja a partir do conhecimento do que é o Território [...]. (SANTOS apud BERNARDES; et al, 2020, p.7).

A história do surgimento e formação dos lugares tem íntima relação com o atual pódio que determinada nação hoje alcança na escala do poderio global, embora

salientamos que estamos apenas nos fazendo breves e sumários, porque as histórias dos povos são recheadas por lutas, guerras e muito sangue em busca de poder.

Como referência à nossa assertiva, rebuscamos e comparamos a história colonial brasileira e a dos Estados Unidos da América. Essa última, considerada como potência mundial, fora antes colônia da Inglaterra, cujas suas maiores e prósperas colônias se situavam ao Norte da América, adotando o modelo de povoamento que a simples exploração. (CASADO FILHO, 2012).

Ao passo que o Brasil adotou a colônia de exploração, que no início obteve êxito na produção da cana-de-açúcar e mais tarde, na tentativa da implantação de uma colônia de povoamento, seu insucesso se dá, dentre outras causas, pela cultura escravocrata, prática herdada da Coroa portuguesa.

[...] Com efeito, para subsistir sem trabalho escravo, seria necessário que os colonos se organizassem em comunidades dedicadas a produzir para autoconsumo. Isso só teria ocorrido se o Brasil, em vez de colônia de exploração, tivesse se construído em colônia de povoamento, como aconteceu nos Estados Unidos. (ALCOFORADO, 2006, p. 106).

Ao citarmos os tipos de colônias, estando implícitas suas políticas, adotadas na origem da superpotência estadunidense, com o povoamento e, no emergente Brasil, com a exploração, queremos demonstrar um juízo de valor quanto a atual e notória representatividade geopolítica entre estas nações e que suas histórias podem ter exercido tal influência para que hoje, geográfico-economicamente falando, tenham nos colocado em “fronteiras globais” tão próximas, mas também, tão distantes.

No entanto, deixamos nosso entendimento de que uma classificação econométrica e apenas cartográfica, nos moldes generalizantes da globalização, pautadas puramente em critérios estatísticos, se torna insuficiente e pode esconder fatores primordiais que venham a demonstrar as reais condições de extrema pobreza de uma determinada localidade. (LACOSTE apud RIBEIRO; MILANI, 2009, p. 91).

Essa apreensão global e globalizante do subdesenvolvimento favoreceu a instauração de modelos espaciais permitindo explicar a organização de um sistema-mundo dividido entre dominantes e dominados, que obedeceria a um número limitado de leis fundamentais. (RIBEIRO; MILANI, 2009, p. 97).

Assim, ao buscar compreendermos a ordem mundial nos moldes da globalização, nos faz retomar uma síntese da história mundial pela busca do poder, que vai desde o domínio da Inglaterra até a Primeira Grande Guerra, com seu declínio, surgindo os Estados Unidos e a União Soviética, após a Segunda Grande Guerra, como lideranças e instaurando a Guerra Fria, onde desta, os Estados Unidos vêm a se destacar quanto superpotência e começava a se instaurar um modelo de ordem que de multipolar, passou a ser unipolar (SANTOS, 2013).

Contudo, verificados quase 30 anos pós-Guerra Fria e todas as desonrosas “peripécias” político-econômicas mundiais, seria mais do que notório adentrarmos numa nova ordem mundial, muito embora os Estados Unidos busquem se manter no topo. Isso pois,

O crescimento econômico de alguns países asiáticos e da União Europeia deram ao mundo uma configuração multipolar. Portanto, a atual situação, complexa, dos multicentros de decisão - em geral interligados com interesses mercadológicos - exige análises distintas daquelas que unipolar ou bipolar. (SANTOS, 2013, p. 56).

E foi ainda, após a Segunda Grande Guerra, que o termo “subdesenvolvimento” foi forjado como o reflexo contrário de um molde desenvolvimentista, uma ideia de instrumentalização do domínio político, social e econômico vigente (colonizador), em detrimento aos que não alcançassem tal modelo, os dominados (colônia). “[...] Em síntese, as características de um estado de subdesenvolvimento em determinados momentos são destacadas com sua própria terminologia e, em outros, são utilizadas sobre a tutela do termo situação colonial [...]”. (MORAIS, 2019, p. 186).

A luta pelo poder, pelo capital, tentava e tenta disseminar uma ótica de que o subdesenvolvimento era como um tipo de fase, de estágio para se chegar ao desenvolvimento, uma insuficiência ou apenas como o desenvolvimento estando ausente. (CAMPOS, 2011). No entanto, o subdesenvolvimento é nada mais que “um produto ou um subproduto do desenvolvimento, uma derivação inevitável da exploração econômica colonial ou neocolonial, que continua se exercendo sobre diversas regiões do planeta”. (CASTRO apud ANDRADE et al, 2003, p. 74).

Ainda, em extensão a terminologia subdesenvolvimento, durante a Guerra Fria, o padrão de desenvolvimento derivava-se a partir da bipolaridade da época. Ou seja, nos moldes das superpotências Estados Unidos e da União Soviética. Com isso, começou a surgir os termos Primeiro Mundo – Estados Unidos e aliados, Segundo Mundo – União Soviética e seus aliados e por fim, o Terceiro Mundo, que para entender este último, é

necessária a compreensão de que ser do Terceiro Mundo é não estar no Primeiro – Capitalistas e nem no Segundo – Socialistas, se aliando a um destes polos.

Em 1970, o Terceiro Mundo consistia na África, Ásia (com exceção da URSS e da China), Índia, Paquistão, Bangladesh, América Latina e Oriente Médio. Todos foram colônias ou mandatos de potências europeias e foram deixados em estado não desenvolvido ou subdesenvolvido quando conquistaram a independência. [...] Economicamente, o Terceiro Mundo era extremamente pobre. [...] embora tivessem 70% da população, esses países só consumiam 30% da comida do mundo [...]. (LOWE, 2011, p. 604).

Por fim, mais atual e embora não cessante, o arquétipo espacial com maior usualidade, até mesmo dentro das escolas brasileiras, é a regionalização Norte-Sul, que carrega consigo todo um alicerce capitalista embasado também no subdesenvolvimento. Vale ressaltar que este tipo de regionalização por mais que proponha uma noção espaço-hemisférica, em nada respeita a divisão imaginária da Linha do Equador. Neste arquétipo, o jogo de ideias se baseia na histórica origem dos países colonizadores em sua maioria serem do hemisfério Norte e os colonizados do hemisfério Sul.

Norte-Sul é apenas uma facilidade de linguagem permitindo opor de maneira abusiva as antigas potências coloniais situadas na zona temperada do hemisfério Norte aos países colonizados de zona intertropical. Nessa configuração puramente teórica, a dimensão espacial do discurso geopolítico torna-se completamente evacuada. O hemisfério norte (geográfico), mesmo reduzido as regiões do mundo situadas ao norte do Trópico de Câncer, abriga antigos países colonizados que fazem parte hoje do “primeiro mundo” (Canadá, Estados Unidos); antigas colônias que estão “em vias de desenvolvimento” (Magrebe) ou que aparecem como potências emergentes (México); sem contar a Mongólia e a China, uma Índia cortada em duas e as antigas nações do bloco soviético... Quanto ao “Sul” (mesmo o sul limitado ao espaço compreendido entre Antártica e o trópico de capricórnio), ele compreende também a rica Austrália, o Chile neoliberal dos Chicago Boys, a Argentina às vezes considerada em vias de subdesenvolvimento ou a África do Sul pós apartheid. (RIBEIRO; MILANI, 2009, p. 106).

A regionalização mundial e o espaço como relações de poder devem ser refletidos não a partir de uma ótica dominante, capitalista e que assegure por via destes moldes um subdesenvolvimento como reflexo oposto daquilo que a humanidade deveria ser e ter. É preciso repensar a cartografia, criticá-la e perceber os espaços com ótica e valores socioantropológicos. É preciso perceber nossos espaços como terra, como casa de gente e não a partir de uma perspectiva que arrole a ininterrupta busca por poder. (RIBEIRO; MILANI, 2009).

A COVID-19 E A DESIGUALDE SOCIAL: UM LAMENTÁVEL DIÁLOGO

Viver em comunidade, em civilização, deveria ser um dinâmico e recíproco processo de renunciar a si, em nome de uma alteridade, do conviver com o outro. Tarefa não tão fácil, na prática. Nossa contemporaneidade parece viver uma “sociedade do cansaço” (BYUNG-CHUL HAN apud DALTRO; SEGUNDO, 2020, p. 5):

[...] gradativamente o tempo em que o outro existia vai se extinguindo e o narcisismo se inflando. Isso porque, ao longo da história, o capitalismo atualizado hoje na forma de neoliberalismo, engendrou uma maciça desigualdade social de ordem global. A sociedade global, em si, passa a vincular-se a uma lei de mercado estruturada pela concentração de capitais entre aqueles que muito já os têm, desumanizando o sujeito, alimentando as precariedades sociais, relegando ao segundo plano coisas como solidariedade, civismo, compaixão e promovendo uma cultura isolacionista de medo e terror.

Como antes já foi brevemente discutido, quanto o alicerce ideológico do subdesenvolvimento, para além de indicadores sintéticos que insistem em normatizar, como em polos dicotômicos, países desenvolvidos e subdesenvolvidos, também podemos abstrair que toda a injusta divisão das riquezas mundiais coloca à tona, a base do *iceberg* de uma cartografia que retrata a extrema miséria e injustiça e que é por esta lei de mercado, pelo capital “que a crise e a pandemia se retroalimentam, pois, as condições de vida cada vez mais precarizadas para a imensa maioria da população aumentam as chances do contágio e de agravamento da doença” (LOLE; et al, 2020, n.p).

Debater sobre desigualdade, espaço geográfico e saúde não é uma via recente e tampouco inédita. Assim, diante de nossas reflexões sobre os arquétipos espaciais e as relações de poder sobre eles, bem como as vicissitudes dos índices de desenvolvimento humano como representatividade global, forjado a partir do conceito ideológico-capitalista de subdesenvolvimento, bem como diante dos informes pandêmicos, tratados a partir da metodologia contemplada para este estudo, passaremos a discutir agora o confronto destas informações.

Muito mais que dados meramente sintéticos e todas as suas equações e abstrações por sobre como se aproximar da realidade de distribuição de riquezas e serviços à população de forma igual e/ou desigual, podemos perceber as disparidades sócio-econômico-educacionais deixando os países mais distantes entre si e outros tantos mais desfavorecidos.

É a partir da tabela 1, gerada do Relatório (PNUD, 2019) que se percebe, implicitamente, a desigualdade social, embora já tenhamos discutido todas as veladas ideologias por sobre a construção do subdesenvolvimento, e que de fato os índices não consigam retratar com fidelidade estas desigualdades que os dados somente mensuram em índices matemáticos, ainda assim, fica notória, pelas médias, a desigualdade, quando comparados os países do topo da tabela, que mais se aproximam da escala de número 1, ao do final da tabela, que mais se distanciam (BAPTISTA, 2019).

Nas tabelas 3 e 4, dos dados gerados a partir dos informes pandêmicos disponibilizados pela OMS (2020), OPAS (2020) e com o auxílio do número de habitantes por países, disponível pelo IBGE (2019), verificamos que o Continente Americano lidera as maiores porcentagens de óbitos por população, destacando os Estados Unidos como primeiro Lugar e o Brasil em segundo lugar. Enquanto que os países com porcentagem zero, são respectivamente de sub-regiões como: Ilhas do Caribe, África, Europa, Sudeste da Ásia e Pacífico Ocidental.

Vale relembrarmos que os dados aqui discutidos são dos dias 16 e 17 de junho de 2020 e que por mais que busquemos a corroboração de nossa proposição quanto a relação das desigualdades sociais, pobreza no enfrentamento pandêmico, como explicar os Estados Unidos, com o décimo quinto maior IDH do planeta, estar liderando o número de óbitos até aquela data?

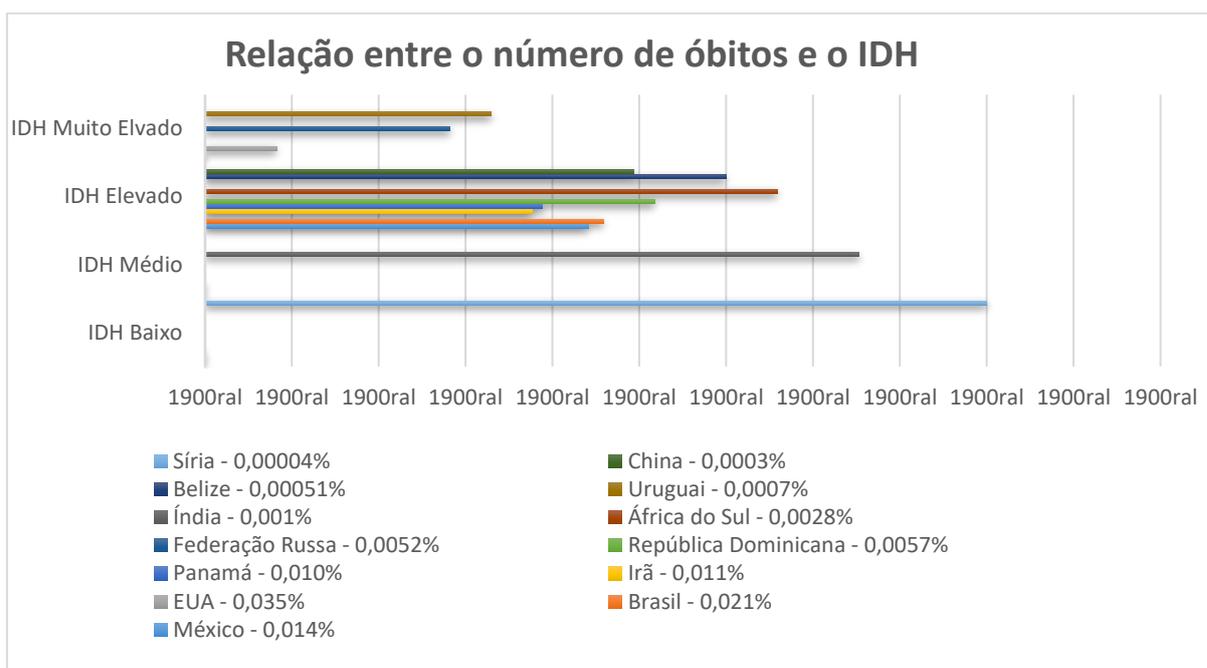
Assim, para tentarmos abstrair esta questão, é necessária a compreensão daquilo que já fora discutido sobre a falha do IDH na mensura das reais condições de vida de uma determinada nação (JANNUZZI apud OLIVEIRA, 2005). Embora os índices retratem matematicamente uma categoria elevada a determinado país, ainda assim, médias sintéticas e ponderações cartográficas apenas objetivas, podem ocultar importantíssimas variações e maquiagem desigualdades internas (LACOSTE apud RIBEIRO; MILANI, 2009). E claro, outro fator preponderante é a forma com que cada governante adotou suas políticas no enfrentamento do vírus pois, na,

Área política - indubitavelmente, no mundo, a maneira como a doença COVID-19 foi direcionada pelos governantes de cada localidade apresentou uma elevada amplitude. Da crença religiosa à científica ou do direito de ir e vir (seguido “à risca”) ao isolamento obrigatório tivemos divergências de posturas (MARSON, 2020, p. 210).

Por se fazer necessária uma melhor exibição do confronto das informações pandêmicas com o ranque dos índices de desenvolvimento humano ajustado à

desigualdade, que infelizmente não foi possível, em sua totalidade, evidenciamos cada índice, de cada país escolhido diante de nossos critérios e que faz parte das estatísticas da pandemia, isso, devido a ausência da informação por parte do Relatório do Desenvolvimento de 2019, diante das informações geradas a partir das tabelas 1, 3 e 4, apresentaremos a seguir, um gráfico que melhor nos demonstre suas relações:

Gráfico 1



O gráfico 1 tenta demonstrar a razão entre óbitos e o número de habitantes, e sua relação com o ranque do IDH. No eixo vertical temos quatro categorias: IDH Muito Elevado, IDH Elevado, IDH Médio e IDH Baixo. Os países captados das informações pandêmicas, foram divididos por cada categoria, respeitando suas posições no ranque do IDH (tabela 1). Posições estas, representadas numericamente no eixo horizontal, de acordo com a classificação decrescente do ranque que vai do número 1 – o país com o maior IDH - que neste caso assume o índice muito elevado, até o número 189, que representa o país de menor IDH, ou seja, o índice mais baixo. No entanto, por razões técnicas do editor gráfico e por não citarmos em nossos dados o país que assume a classificação 189, o valor majorante, no eixo horizontal, é de 188. Mas ressaltamos que nas médias de IDH este valor é 189. Com isso, mesmo que não haja país com este valor nos dados interpretados, não gera perda de análise.

Ressaltamos ainda que no gráfico não constam as informações da 14ª – décima quarta colocação demonstrada na tabela 4 - Ranque percentual do número de mortes por

população, donde apresentamos cinco países com zero porcentagem de óbitos por população. Isso se deu por procurarmos somente apresentar a correlação com o número de vitimados.

Com isso, a partir da correlação de todas as informações coletadas e principalmente de suas formulações para esta pesquisa, corroborados pelo gráfico de relação entre o número de óbitos e o IDH (gráfico 1), conseguimos verificar que, tendo por base a escala de 0 a 1, adotada pelo PNUD na mensura do desenvolvimento humano ajustado à desigualdade, na medida que se distancia do intervalo 1 (um), se aproximando do 0 (zero), assim como mensura uma maior desigualdade social, também se configuram os percentuais de vítimas pela Covid-19, colocando a categoria de países com IDH Elevado, com o maior número de vítimas.

Embora as estatísticas pesquisadas apontem para um maior número de vítimas na categoria de IDH Elevado, gostaríamos de salientar que o gráfico ainda evidencia, um distanciamento das melhores classificações do Ranque do IDH (tabela 1), como por exemplo, as primeiras posições da categoria de IDH Muito Elevado. Já que por mais que os Estados Unidos liderem o número de óbitos e faça parte da categoria de IDH Muito Elevado, ainda assim, sua posição é a 15ª (décima quinta) registrada no relatório do PNUD, enquanto os demais países ainda mais se distanciam dos melhores índices de desenvolvimento e se aproximam dos maiores índices de desigualdade. O que evidencia que há uma íntima relação entre o número de vítimas por Covid-19 na medida do aumento da desigualdade social.

Ainda, a fim de melhor compreendermos algumas noções que não estejam evidentes em apenas categorizar e nivelar países em uma das quatro categorias discutidas, tomamos o exemplo do Brasil, que ocupa o segundo lugar, até a data das atualizações dos dados aqui pesquisados, no ranque percentual do número de mortes por população (tabela 4) e que, segundo o relatório do desenvolvimento humano (PNUD, 2019), ocupa a 79ª (septuagésima) posição, assumindo a categoria de IDH Elevado (tabela 1).

Assim, retornamos às críticas de que o IDH de fato não consegue imprimir com fidelidade aspectos sociais de desigualdade (OLIVEIRA, 2005) e que em tempos de crise, como o da pandemia, quando pormenorizados, não só no caso do Brasil, podem nos dá um melhor nexos dos nossos achados, e cientificamente comprovados, de que há uma relação das desigualdades com o número de vítimas da Covid-19. Com isso, embora o

Brasil esteja ocupando um dos lugares privilegiados da categoria de IDH Elevado, ainda assim,

[...] no Brasil a extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas, equivalente a populações de países como a Bélgica ou a Bolívia, são pessoas que vivem com menos de R\$ 145,00 por mês. Quando considerado o parâmetro do Banco Mundial, o rendimento seria de US\$ 5,50 por dia, o que daria um total de 52,5 milhões de brasileiros. Isso significa aproximadamente um quarto da população vivendo abaixo da linha da pobreza. Quando comparado com outros países, equivale a um número maior do que a população total da Coreia do Sul, da Espanha ou da Argentina. [...] 1% da população mais rica concentra uma renda 34 vezes maior que a metade da população mais pobre. [...] (BERNARDES, et al, 2020, p. 193).

O Brasil, que assume o segundo lugar no percentual de óbitos por população, que mesmo lhe aferindo a posição de IDH Elevado e tal padronização hierárquica esconda de fato as reais desigualdades, acima detalhadas, quando relacionado ao enfrentamento da pandemia da Covid-19, perceber-se que,

Uma das principais questões do debate sobre a pandemia de COVID-19 tem sido os cenários da desigualdade. Isso porque se, grosso modo, todos são afetados pela pandemia, as condições em que isso ocorre são muito díspares. O Brasil, uma das nações com maior desigualdade de renda, demonstra múltiplas evidências dessa relação. Nesse contexto estão as desigualdades de recursos para vivenciar e lidar com o isolamento social, o acesso ao saneamento básico e aos serviços de saúde, bem como aos demais mecanismos de proteção e seguridade social. (VILLELA; MARQUES, 2020, p.s/n).

A desigualdade social e em saúde, quando percebidas por aspectos territoriais e de poder, podem demonstrar um atlas de mortalidade com “aproximações das desigualdades sociais e seus reflexos sobre as condições de saúde” (BARCELLOS, 2008, p. 109) e que podem ser fatores preponderantes para a disseminação viral, colocando as nações, as quais com tristeza assumem os dados desta pesquisa no número de vitimados, como reflexo das condições de vida, atreladas à pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o terror vivenciado mundialmente pela pandemia da Covid-19, nos inquietamos a saber, por via científica, se haveria relação da desigualdade social com o número de vítimas deste mal. Assim, tal questão impulsionou esta investigação que embora possa parecer tão evidente, mas de fato é essencial comprová-la, devido a temível

contemporaneidade brasileira que vem colocando em dúvida a notória disparidade social, os males advindos dela e o enobrecimento de um sistema que vise a lucratividade, a economia, acima de vidas.

Muito embora sejamos conscientes das ideologias capitalistas que forjam os arquétipos espaciais e as relações de poder que designam a regionalização mundial, bem como compreendemos e evidenciamos a ineficácia do reflexo das desigualdades sociais relatadas pelo PNUD apenas por informes sintéticos, e ainda, que os dados “brutos” aqui correlacionados entre o caso da pandemia e a desigualdade social se revestem de limitações, seja pela subnotificação dos casos e pelo sub registro da causa da mortalidade; como também pelo entendimento verificado de uma vida longa e saudável, conhecimento, um padrão de vida decente, tais índices puderam nos aproximar da resposta a nossa inquietude, que apesar destas considerações, os elementos discutidos nos levam a noção de que elas se relacionam.

Assim, a pesquisa consegue demonstrar haver uma íntima relação da desigualdade social com o número mundial de vitimados, aqui caracterizados pelo percentual do maior e menor número de óbitos por população, quando relacionados ao Índice de Desenvolvimento Humano, do relatório do PNUD de 2019.

Acreditamos que a noção de desigualdade e toda sua suposta luta em atenuá-la, construída pelo molde do capital, possa vir a ser somente uma utopia enquanto não passarmos a enxergar o território em sua totalidade e principalmente as pessoas que o compõe com seus modos de vida, a partir de valores humanitários, sociais e antropológicos e não meramente econômicos e sintéticos. Com isso, enquanto não olharmos para dentro de cada um de nós e arrancamos de vez todas as veladas e exacerbadas concepções que subjagam o outro, a pandemia da Covid-19 só virá a reafirmar como somos, como nos tratamos e o que de fato nos tem valor.

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, Fernando. **Globalização e desenvolvimento**. São Paulo: Nobel, 2006.

ANDRADE, Manuel Correia de; et al. **Josué de Castro e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/josue_de_castro_e_o_brasil_0.pdf>. Acessado em 11 jun. 2020.

BAPTISTA, Rudá Ryuiti Furukita. **A cooperação internacional e o tratamento especial e diferenciado no âmbito da integração econômica:** possíveis soluções de assimetrias decorrentes da globalização econômica. 2. ed. Londrina: Thoth, 2019.

BARCELLOS, Christovam . **A geografia e o contexto dos problemas de saúde.** Rio de Janeiro: ABRASCO; ICICT; EPSJV, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Christovam_Barcellos/publication/333971455_Os_Indicadores_da_Pobreza_e_a_Pobreza_dos_Indicadores_Uma_abordagem_geografica_das_desigualdades_sociais_em_saude/links/5d1032fba6fdcc2462a02c78/Os-Indicadores-da-Pobreza-e-a-Pobreza-dos-Indicadores-Uma-abordagem-geografica-das-desigualdades-sociais-em-saude.pdf>. Acessado em 11 jul. 2020.

BERNARDES, Júlia Adão; et al. Geografia e covid-19: neoliberalismo, vulnerabilidades e luta pela vida. **Rev. Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. pág. 188-205, maio 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/viewFile/50645/33481>>. Acessado em 18 jun. 2020.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. **Breve histórico do pensamento geográfico brasileiro nos séculos XIX e XX.** Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

CASADO FILHO, Napoleão. **Direitos humanos e fundamentais.** São Paulo: Saraiva, 2012.

COSTA, Marco Antonio F. da; COSTA, Maria de Fátima Barros da. **Projeto de pesquisa:** entenda e faça. Petrópolis: Vozes, 2017.

DALTRO, Monica; SEGUNDO, João de Deus Barreto. A pandemia que nos mostra quem somos? **Rev. Psicol. Divers. Saúde**, Salvador, v. 9, n. 1, 5-8, março de 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.v9i1.2844> >. Acessado em 11 jul. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Países.** IBGE, 2019. Disponível em: <<https://pais.es.ibge.gov.br/#/mapa/ranking/sao-cristovao-e-nevis?indicador=77849&tema=5&ano=2019>>. Acessado em 18 jun. 2020.

LOLE; et al. **Para além da quarentena:** reflexões sobre crise e pandemia. Coletânea de artigos. Mórula, 2020. Disponível em: <<https://morula.com.br/wp-content/uploads/2020/06/ParaAlemDaQuarentena.pdf>>. Acessado em 11 jul. 2020.

LOPES, Jorge. **O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

LOWE, Norman. **História do mundo contemporâneo.** Tradução: Roberto Cataldo Costa. 4. ed. São Paulo: Penso, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MORAIS, Julierme. **Paulo Emílio historiador:** matriz interpretativa da história do cinema brasileiro. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.

MARIANO, Enzo Barberio. **Progresso e desenvolvimento humano:** teorias e indicadores de riqueza, qualidade de vida, felicidade e desigualdade. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.

MARSON, Fernando Augusto Lima. **Um milhão de casos de COVID-19: o que aprendemos?** Revista De Medicina, v. 99, n. 2, 209-212, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v99i2p209-212>>. Acessado em 11 jul. 2020.

OLIVEIRA, Ana Rosa Vieira. **Perspectivas críticas sobre a mensuração da pobreza e desigualdades no brasil:** uma reflexão a partir do IDH. Tese (Doutorado) – Instituto de Medicina Social. Departamento de Política, Planejamento e Administração em Saúde, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://thesis.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/pdf/oliveiraarvd.pdf>>. Acessado em 16 jun. de 2020.

OPAS, Pan American Health Organization. **Cumulative confirmed and probable COVID-19 cases reported by countries and territories in the Americas**, as of 17 June 2020. Updated as of 3PM. OPAS, 2020. Disponível em: <<https://ais.paho.org/hip/viz/COVID19Table.asp>>. Acessado em 17 de jun. 2020.

OMS, World Health Organization. **Situation Report – 149**. OMS, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200617-covid-19-sitrep-149.pdf?sfvrsn=3b3137b0_4>. Acessado em 17 de jun. 2020.

PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Relatório do desenvolvimento humano 2019**. Além do rendimento, além das médias, além do presente: desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI. PNUD, 2019. Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2019_pt.pdf>. Acessado em 17 de jun. 2020.

RIBEIRO, Maria Teresa Franco; MILANI, Carlos Roberto Sanchez. **Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea:** o território como categoria de diálogo interdisciplinar. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <<https://books.google.com.br/>>. Acessado em 10 jun. 2020.

SANTOS, Clézio. **Saberes cartográficos**. Nova Iguaçu: Agbook, 2013.

VILLELA, Raphael; MARQUES, César. **A pandemia da COVID-19 e a Desigualdade de renda no Brasil**. BOLETIM CIENTISTAS SOCIAIS | N. 69, 24 de jun. 2020. Disponível em: <<http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2397-boletim-cientistas-sociais-n-69>>. Acessado em 28 jun. 2020.

Recebido em: 05/04/2022

Aprovado em: 08/05/2022

Publicado em: 11/05/2022